

Artigo Original

Terapia assistida com animais em oncologia: percepção de pacientes e profissionais da saúde

Animal-assisted therapy in oncology: perceptions of patients and healthcare professionals

Terapia asistida por animales en oncología: percepción de pacientes y profesionales de la salud

Isadora Mariano¹

<https://orcid.org/0009-0001-2853-8529>

Évelin Bonometti²

<https://orcid.org/0009-0003-5653-700X>

Maisa Krümmel³

<https://orcid.org/0009-0005-7857-6354>

Larissa Eli da Silva³

<https://orcid.org/0009-0001-9201-6434>

Bruna Nadaletti de Araújo⁴

<https://orcid.org/0000-0003-4517-439X>

Thaís Dresch Eberhardt⁵

<https://orcid.org/0000-0003-0138-2066>

¹Hospital Moinhos de Vento – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, BR

²Hospital de Clínicas de Carazinho – Carazinho, Rio Grande do Sul, BR

³Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo, Rio Grande do Sul, BR

⁴Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, Santa Catarina, BR

⁵Universidade Federal da Fronteira Sul – Passo Fundo, Rio Grande do Sul, BR

Autora Correspondente:

Thaís Dresch Eberhardt

E-mail: thaiseberhardt@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Conhecer a percepção dos pacientes e profissionais de saúde acerca da terapia assistida com animais durante o tratamento oncológico. **Método:** Estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado em um hospital no interior do Rio Grande do Sul, que avaliou a percepção de pacientes oncológicos e profissionais da saúde. A coleta de dados ocorreu de julho de 2023 a julho de 2024, por meio de entrevistas semiestruturadas e analisadas conforme a análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Os

participantes relataram benefícios emocionais (melhora da autoestima, disposição, alívio da ansiedade) e fisiológicos. Riscos foram associados à vulnerabilidade imunológica e possíveis incidentes com os animais. Houve interesse geral na terapia, mas também desconhecimento conceitual, inclusive entre profissionais da saúde. **Considerações finais:** Na percepção dos participantes, a terapia assistida com animais mostrou-se uma estratégia complementar eficaz no cuidado oncológico, destacando a importância da capacitação profissional e do bem-estar animal.

Descritores: Neoplasias; Terapia assistida com animais; Percepção; Pessoal de saúde; Pacientes.

ABSTRACT

Objective: To understand the perceptions of patients and healthcare professionals regarding animal-assisted therapy during oncological treatment. **Method:** A qualitative, descriptive, and exploratory study was conducted in a hospital in the interior of Rio Grande do Sul, Brazil, to evaluate the perceptions of oncology patients and healthcare professionals. Data collection was conducted from July 2023 to July 2024 through semi-structured interviews, and analyzed using Bardin's content analysis. **Results:** Participants reported emotional benefits (improved self-esteem, increased motivation, and relief from anxiety) as well as physiological benefits. Risks were associated with immunological vulnerability and potential incidents involving the animals. There was general interest in the therapy, but also conceptual unfamiliarity, including among healthcare professionals. **Final remarks:** From the participants' perspective, animal-assisted therapy proved to be an effective complementary strategy in oncological care, highlighting the importance of professional training and animal welfare.

Keywords: Neoplasms; Animal-assisted therapy; Perception; Health Personnel; Patients.

RESUMEN

Objetivo: Conocer la percepción de los pacientes y de los profesionales de la salud acerca de la terapia asistida con animales durante el tratamiento oncológico. **Método:** Estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio, realizado en un hospital en el interior de Rio Grande do Sul, que evaluó la percepción de los pacientes oncológicos y profesionales de la salud. La recolección de datos se llevó a cabo de julio de 2023 a julio de 2024, mediante entrevistas semiestructuradas y se analizaron a través del análisis de contenido de Bardin. **Resultados:** Los participantes relataron beneficios emocionales (mejora de la autoestima, disposición, alivio de la ansiedad) y fisiológicos. Se identificaron riesgos asociados a la vulnerabilidad inmunológica y a posibles incidentes con los animales. Hubo un interés general en la terapia, aunque también un desconocimiento conceptual, incluso entre los profesionales de la salud. **Consideraciones finales:** En la percepción de los participantes, la terapia asistida por animales se mostró como una estrategia complementaria eficaz en el cuidado oncológico, destacando la importancia de la capacitación profesional y del bienestar animal.

Descriptores: Neoplasias; Terapia asistida por animales; Percepción; Personal de salud; Pacientes.

INTRODUÇÃO

O câncer e as doenças cardiovasculares são as principais causas de mortalidade no mundo, com o câncer ocupando a segunda posição geral e liderando como causa principal em 57 países. Em apenas seis países, o câncer não figura entre as três principais causas de mortes prematuras⁽¹⁾. Somado a isso, avanços recentes nas ciências da saúde e biotecnológicas, como o uso da Inteligência Artificial, tecnologias de edição genética, telemedicina e nanotecnologia, estão transformando o diagnóstico, tratamento e gestão de doenças. Essas inovações melhoram desfechos clínicos e a qualidade de vida dos pacientes, inclusive oncológicos⁽²⁾.

Nesse contexto, o cuidado em saúde humanizado pode ajudar a dissipar as emoções negativas associadas ao diagnóstico e ao tratamento do câncer, podendo contribuir para a melhora dos resultados clínicos⁽³⁾. No ambiente hospitalar, a construção de um ambiente de cuidado humanizado necessita de um espaço reflexivo e participativo que estabeleça uma cultura voltada para os aspectos psicobiológicos, psicossociais e psicoespirituais, podendo ser utilizadas diversas estratégias, como a terapia assistida com animais (TAA)⁽⁴⁾.

As intervenções assistidas com animais (IAA) englobam diferentes práticas com a participação de animais para fins terapêuticos, educativos ou recreativos⁽⁵⁾. Dentre as IAAs, destaca-se a TAA, que pode ser

definida como a inclusão deliberada de um animal em um plano de tratamento, envolvendo um profissional qualificado que orienta as interações entre o paciente e o animal para alcançar objetivos específicos⁽⁶⁾.

Essa terapia tem se destacado como uma intervenção complementar capaz de promover benefícios significativos à saúde, especialmente na saúde psicológica. Sabe-se que os animais podem auxiliar na redução de depressão, ansiedade, estresse e incentivar emoções positivas nos seres humanos⁽⁷⁾.

No que concerne ao contexto oncológico, uma revisão sistemática identificou que a IAA pode ser uma ferramenta importante para melhorar os aspectos psicossociais e fisiológicos em pacientes oncológicos e em cuidados paliativos. Contudo, são necessários mais estudos para ampliar o conhecimento sobre os benefícios da terapia nesse contexto⁽⁸⁾. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo conhecer a percepção dos pacientes e profissionais de saúde acerca da TAA durante o tratamento oncológico.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório realizado em um hospital de grande porte do interior do estado do Rio Grande do Sul, que dispõe de uma área especializada em oncologia, com atendimento para o Sistema Único de Saúde (SUS) e convênios.

A fim de alcançar os objetivos propostos neste estudo, a amostra foi constituída por dois grupos distintos: profissionais da saúde e pacientes, os quais foram selecionados por meio de amostragem de conveniência. No grupo de profissionais, foram convidados a participar da pesquisa os profissionais da saúde especialistas em oncologia que atuam no hospital, sendo incluídos aqueles com pelo menos um ano de atividades no setor da oncologia, com idade mínima de 18 anos, e excluídos profissionais não fixados no setor oncológico e aqueles que estivessem de licença por qualquer natureza.

No grupo dos pacientes, foram incluídos pacientes oncológicos que estavam internados. Não foi estabelecido tempo mínimo de diagnóstico nem tipo de tratamento. Foram excluídos pacientes que estivessem recebendo protocolo quimioterápico em período nadir, imunossuprimidos e pacientes hematológicos, visto que estes apresentam riscos elevados de contrair infecções, pois encontram-se com o sistema imunológico fragilizado.

Após a apresentação dos objetivos da pesquisa, 13 dos 14 profissionais de saúde abordados aceitaram participar da pesquisa, assim como dez dos 11 pacientes convidados, registrando-se uma recusa em cada um dos grupos. O número final de participantes foi definido com base no critério de saturação teórica. A coleta e a análise ocorreram de forma concomitante, seguindo as etapas da Análise de Conteúdo. A saturação foi considerada alcançada quando, durante a exploração do material e a construção das categorias temáticas, observou-se recorrência de sentidos e ausência de novos núcleos de significado relevantes aos objetivos do estudo.

O recrutamento dos participantes foi conduzido por duas enfermeiras residentes em atenção ao câncer (E.B. e I.A.M.), as quais tinham vínculo com a equipe multiprofissional e prestavam cuidado direto aos pacientes oncológicos. No caso dos pacientes, a abordagem ocorreu após a visita de Enfermagem, em momento oportuno e à beira do leito, quando eram apresentados os objetivos do estudo e realizado o convite para participação. Já os profissionais de saúde foram abordados individualmente durante o turno de trabalho, em períodos que não interferissem na assistência, sendo igualmente esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e convidados a participar voluntariamente.

A coleta de dados foi realizada pelas mesmas enfermeiras residentes. Para a coleta, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com duração média de 15 minutos, as quais foram gravadas por meio de um aplicativo de celular. As entrevistas ocorreram em um ambiente reservado e seguro, no próprio setor de oncologia, conforme a condição clínica e a preferência do paciente ou do profissional de saúde, de julho de 2023 a julho de 2024.

O instrumento que norteou as entrevistas, composto por duas partes, foi elaborado pelos autores. Na primeira, foram coletados dados sociodemográficos, clínicos ou profissionais dos participantes da pesquisa. A segunda parte era composta por questões abertas, as quais nortearam a entrevista. As perguntas comuns para os dois grupos foram: Você já ouviu falar sobre a TAA? No seu ponto de vista, o que é a TAA? De que forma você imagina uma sessão de TAA? Quais os benefícios e riscos que esse método terapêutico pode apresentar?

Especificamente para os profissionais da saúde, perguntou-se, ainda: Você aplicaria essa terapia no seu plano de cuidados/tratamento? Quais os critérios que você usaria para vincular essa terapia ao tratamento oncológico? E para o grupo de pacientes, as seguintes questões: Se o hospital disponibilizasse esse tipo de terapia alternativa, o que você pensaria sobre? Se você pudesse escolher um animal para a terapia assistida, qual seria? Você acredita que a convivência com animais iria auxiliar em algo no seu processo de tratamento e enfrentamento à doença?

As gravações das entrevistas foram transcritas em formato digital, utilizando o Microsoft Office Word® para arquivamento. A análise dos dados foi realizada por meio de análise de conteúdo, que compreende três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados⁽⁹⁾.

A primeira fase, a pré-análise, consistiu na organização do material de acordo com o objetivo da pesquisa, tornando o conteúdo operacional e estabelecendo um plano para a análise. Na segunda fase, denominada exploração do material, por meio de análise cromática, foram feitas escolhas de unidades de codificação e definidas categorias temáticas, permitindo uma exploração sistemática e criteriosa do conteúdo, com o objetivo de enriquecer o trabalho analítico⁽⁹⁾.

Por fim, na fase de tratamento dos resultados, foi realizada a interpretação dos dados coletados, possibilitando uma análise reflexiva e crítica sobre a temática abordada, permitindo a identificação de padrões e a compreensão aprofundada dos fenômenos estudados⁽⁹⁾. Para a análise reflexiva e crítica, foram

realizadas buscas na literatura, utilizando o Elicit e o Connected papers, ferramentas de Inteligência Artificial (IA). Destaca-se que essas ferramentas não foram utilizadas para gerar textos ou ideias, mas somente para encontrar referências científicas para discussão dos achados da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo, Parecer n.º 6.136.692 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n.º 69419423.5.0000.5342. As entrevistas foram conduzidas somente após o aceite dos indivíduos a participar da pesquisa e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para preservar o anonimato dos participantes, os nomes foram substituídos por códigos. No grupo de pacientes, estes foram identificados pela palavra “Paciente”, seguida de um número cardinal correspondente à ordem das entrevistas (Paciente 1, Paciente 2, Paciente 3...). No grupo de profissionais da saúde, estes foram identificados pela profissão (Psicólogo, Enfermeiro, Médico...), seguida de um número cardinal correspondente à ordem das entrevistas (Enfermeiro 1, Enfermeiro 2, Enfermeiro 3...).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação aos profissionais, seis eram homens e sete mulheres, sendo três médicos, quatro enfermeiros, quatro técnicos de enfermagem, um psicólogo e um fisioterapeuta, com idade entre 23 e 34 anos. O tempo de serviço na unidade variou entre um e dez anos. Destaca-se que, dentre os participantes, somente três haviam concluído especialização em oncologia e seis participantes estavam em processo de pós-graduação em oncologia.

No que tange aos pacientes, a idade média foi 51,0 anos, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. A escolaridade foi variável, sendo que quatro tinham ensino fundamental incompleto; quatro, ensino médio completo; e dois, ensino superior completo. O principal tipo de câncer foi o de colo de útero, sendo representado por 20% dos entrevistados. No que se refere à terapêutica, metade dos participantes (50%) estava em tratamento quimioterápico no momento da entrevista, com tempo médio de tratamento de 1,7 anos.

A partir da análise do conteúdo das entrevistas, emergiram quatro categorias: Conceito de TAA, Benefícios da TAA, Riscos da TAA e Desenvolvimento e aplicabilidade da TAA no tratamento oncológico.

Conceito de TAA

A partir das falas dos participantes da pesquisa, identificou-se divergência em relação à percepção no que concerne ao conceito da TAA. Enquanto alguns relataram que a TAA consiste na visita do próprio animal de estimação ao paciente durante o período de internação, abordando a troca de carinho e companhia, alguns profissionais de saúde adotaram uma perspectiva mais técnica, enfatizando o preparo e o treinamento específico dos animais para atuar nesse tipo de intervenção. Além disso, trazem, em suas falas, o termo pet terapia, como a TAA é popularmente conhecida.

“Eu já vi, minha família tem um são Bernardo que participa de pet terapia. Então eu acredito que seja o animal fazendo carinho nos pacientes. Trocando sentimentos” (Paciente 5). “Eu imagino que seja trazer os animais de estimação para o hospital. Acredito que eles sirvam como acompanhantes para aqueles pacientes que ficam mais sozinhos” (Paciente 2).

“Entendo que os pacientes têm animais de estimação e recebem a visita deles no hospital” (Técnico de Enfermagem 2). “É a terapia popularmente conhecida como pet terapia. Eu sei que tem toda uma questão de cuidados com os animais, normalmente são animais preparados para esse momento” (Psicólogo 1).

“É implementar animais que estão preparados para terapia com pacientes” (Enfermeiro 1).

Apesar das concepções apresentadas por alguns participantes da pesquisa, é importante esclarecer o que é TAA. Destaca-se que essa terapia, também conhecida como tratamento assistido com animais⁽¹⁰⁾, é uma modalidade de tratamento conduzida por profissionais da saúde, na qual a participação dos animais é componente fundamental da intervenção^(10,11). Esses profissionais seguem os objetivos, técnicas, formações e requisitos legais específicos da sua área e do país onde atuam. Portanto, a TAA não consiste na visita de animais de estimação dos próprios pacientes, posto que os animais envolvidos devem ser especificamente preparados, avaliados e treinados para atuar na terapia⁽¹⁰⁾.

Vale ressaltar que o conhecimento e a adoção de uma terminologia padronizada para as IAAs podem contribuir para a melhoria da qualidade dos serviços prestados aos usuários, além de auxiliar na definição das formações e qualificações apropriadas para os profissionais. Ademais, pode promover maior confiança e credibilidade científica na área⁽¹⁰⁾.

O presente estudo teve como objetivo entrevistar pacientes e profissionais de saúde em um hospital-escola localizado no estado do Rio Grande do Sul. Destaca-se que a referida instituição não tem, em sua estrutura, a implementação da TAA, sendo esse um fator relevante para a compreensão do contexto no qual os dados foram coletados. As limitações conceituais apresentadas neste estudo não se limitam somente aos pacientes, haja vista que uma parte dos profissionais de saúde também apresenta uma compreensão limitada acerca da terapia.

Benefícios da TAA

Conforme os relatos dos participantes, foram identificados alguns benefícios da interação entre humanos e animais, os quais podem ser divididos entre emocionais e fisiológicos. Em relação aos benefícios emocionais, os participantes citaram aumento da disposição e interesse, elevação da autoestima, além de ser uma fonte de distração durante a hospitalização. Além disso, reforçaram, em suas falas, que esses benefícios são decorrentes da interação entre humano-animal, que ocorre por meio, principalmente, do toque físico.

“Os pacientes ficam mais dispostos, interessados. Eles podem enxergar além da realidade que estão enfrentando no momento, vendo novos horizontes” (Paciente 8).

“Iria auxiliar a elevar a autoestima durante o período de internação” (Paciente 6).

“Os bichinhos nos fazem bem, nos transmitem carinho, amor e tudo o que a gente precisa. Com eles aqui, poderíamos brincar, fazer carinho e passar o tempo” (Paciente 2).

“Acredito que, em relação aos benefícios, iria influenciar na parte emocional e no tratamento. Acho que seria uma distração, porque muitas vezes os pacientes chegam aqui e ficam focados somente no tratamento e na doença, então seria um ponto positivo” (Técnico de Enfermagem 3).

A literatura destaca que a TAA contribui positivamente para o bem-estar e a qualidade de vida^(12,13), especialmente quando utilizada como complemento aos tratamentos convencionais. Essa prática terapêutica favorece o bem-estar emocional ao proporcionar momentos de afeto, conforto e relaxamento. A presença dos animais, atuando como coterapeutas, promove vínculos afetivos e um ambiente mais acolhedor e humanizado. Esses efeitos benéficos estendem-se também aos familiares e profissionais, gerando alívio emocional e fortalecendo a dimensão afetiva no cuidado em saúde⁽¹⁴⁾.

Quanto aos benefícios físicos, alguns profissionais da saúde citaram a liberação de hormônios, como a endorfina, melhorando o processo de tratamento oncológico, sendo que esses benefícios não foram citados pelos pacientes.

“Em relação aos benefícios, é muito positivo, sabe-se que quando o paciente está feliz ele libera hormônios que estão associados à felicidade e que acabam melhorando o tratamento” (Enfermeiro 4).

“Os benefícios são inúmeros, o paciente vai ter uma descarga de endorfina gigantesca, pois irá receber carinho do cão” (Médico 2).

Ressalta-se que este estudo não teve como objetivo avaliar efeitos fisiológicos da TAA. Os benefícios descritos referem-se exclusivamente às percepções e experiências relatadas pelos participantes, não sendo possível estabelecer inferências causais ou mensurações de impacto clínico. Nesse contexto, um estudo de revisão sistemática da literatura demonstrou que a interação de pacientes em oncologia com os animais pode causar alterações na frequência cardíaca, saturação de oxigênio, níveis de cortisol e pressão arterial. Além disso, pode reduzir os níveis de estresse e aumentar o nível de energia e a qualidade de vida⁽¹⁵⁾.

Ainda, a literatura aponta que a comunicação e o toque em animais podem desencadear a liberação hormonal. Entre os hormônios, destacam-se a ocitocina, endorfinas e serotonina, as quais reduzem dor, ansiedade e estresse, além de aumentar as sensações de prazer e relaxamento⁽¹⁶⁾. Ademais, destaca-se que alguns profissionais abordam os benefícios para a equipe, ao afirmarem que a presença de um animal no setor poderia tornar o trabalho mais leve.

“Com certeza iria influenciar bastante, porque o animal iria aliviar o clima tenso e pesado do hospital. Os animais são só alegria, felicidade, então seria muito importante para o ambiente, pois iria aliviar a tensão que temos todos os dias no trabalho” (Técnico de Enfermagem 1).

“O ambiente poderia ficar um pouco mais leve, no tratamento do paciente, e traria benefícios para a equipe” (Técnico de Enfermagem 2).

Identificou-se uma diferença na forma como pacientes e profissionais significaram os possíveis benefícios da TAA. Enquanto os pacientes enfatizaram aspectos subjetivos e emocionais da experiência, destacando maior disposição, elevação da autoestima e sentimentos de carinho e acolhimento, os profissionais de saúde tenderam a interpretar tais efeitos à luz de explicações biomédicas, mencionando possíveis alterações hormonais e fisiológicas decorrentes da interação com os animais. Essa diferença pode estar relacionada ao fato de que os profissionais mobilizam referenciais técnico-científicos para tentar compreender e legitimar os efeitos observados.

Riscos da TAA

Nesta categoria, observou-se que os riscos apontados em relação à TAA estão majoritariamente associados às condições clínicas dos pacientes, com ênfase para o risco de infecção, especialmente em casos de maior vulnerabilidade imunológica. Além disso, foram mencionados possíveis incidentes, como mordeduras ou arranhaduras por parte dos animais. Também foi destacada a importância do bem-estar animal, considerado essencial para garantir a qualidade e a efetividade da terapia.

A maioria dos participantes, no entanto, relatou não prever riscos significativos, desde que os animais envolvidos atendam a alguns critérios. Ainda assim, alguns entrevistados apontaram a possibilidade de contaminação como um risco potencial.

“Não teria risco se o animal fosse bem cuidado” (Paciente 7).

“Acredito que tenha risco de contaminação, por conta de micro-organismos” (Paciente 5).

“Em relação aos riscos, acredito que de alguma infecção ou ataque do animal [...]” (Médico 1).

“Caso o paciente seja imunossuprimido e a gente não souber e o cão acabar transmitindo algum tipo de infecção, através de uma lambedura ou arranhadura, sem querer” (Médico 3).

Destaca-se que um estudo anterior apontou que pacientes oncológicos pediátricos têm risco aumentado de contrair zoonoses ao participar de IAA⁽¹⁷⁾. Apesar disso, uma revisão de literatura não encontrou dados consistentes sobre os riscos de transmissão de patógenos⁽¹⁸⁾. Nesse sentido, recomenda-se a necessidade de que o hospital adote um protocolo rigoroso de prevenção de infecções, principalmente na oncologia.

Já os riscos relacionados ao animal envolvem especialmente o comportamento. Destaca-se que os cães coterapeutas podem representar um risco de lesões para pacientes, visitantes e profissionais de saúde, bem como para outros animais quando participam de IAA, devido ao temperamento do animal⁽¹⁹⁾.

“Tanto o paciente quanto o animal podem ficar assustados” (Fisioterapeuta).

É importante reconhecer que algumas pessoas podem ter memórias ou experiências negativas relacionadas a animais, conforme citado, que podem afetar sua disposição para participar da terapia com animais.

“Em relação aos riscos, pode surgir alguma situação, não imagino que o animal possa causar algum dano físico ao paciente, pois imagino que sejam animais selecionados e preparados, mas pode ser que o paciente não se sinta confortável, pode despertar alguma memória e o paciente queira se retirar do ambiente [...]” (Psicóloga).

No que se refere à percepção dos riscos associados à TAA, observou-se que pacientes e profissionais também apresentaram nuances distintas em suas compreensões. Entre os pacientes, os riscos foram mencionados de forma pontual e condicionada, associados genericamente à possibilidade de contaminação. Já entre os profissionais de saúde, a percepção mostrou-se mais detalhada e tecnicamente fundamentada, contemplando riscos infecciosos em pacientes imunossuprimidos, possibilidade de arranhaduras ou lambeduras, bem como aspectos comportamentais tanto do animal quanto do paciente. Além disso, emergiram preocupações relacionadas ao desconforto emocional e à evocação de memórias, conforme apontado pela Psicóloga.

Portanto, é importante destacar que a TAA deve seguir critérios específicos para a seleção dos pacientes. Apenas aqueles que não estejam imunossuprimidos ou em estado clínico grave devem ser elegíveis para participar da prática. Ressalta-se, ainda, a importância de que a terapia promova uma troca mútua entre os envolvidos, respeitando as condições clínicas e a vontade individual de cada paciente, uma vez que nem todos terão interesse ou disposição para participar. A proposta da TAA é oferecer um ambiente acolhedor, tranquilo, respeitoso e adaptado às necessidades de cada indivíduo.

Desenvolvimento e aplicabilidade da TAA no tratamento oncológico

Todos os pacientes entrevistados demonstraram interesse em participar da TAA, caso fosse implantada na instituição. Quanto ao local de realização da terapia, foram sugeridos tanto espaços abertos quanto fechados, sendo eles específicos para a TAA ou não. Identificou-se que tanto pacientes quanto profissionais apontaram aspectos práticos para a implementação da intervenção. Os pacientes mencionaram preferências individuais, além de cuidados com higiene e vacinação dos animais. Os profissionais destacaram a necessidade de que o animal fosse calmo, treinado e acompanhado por tutor, reforçando a importância de preparo adequado para garantir um momento tranquilo e seguro.

“Eu acho que a sessão poderia ser realizada dentro do próprio quarto do paciente, pois às vezes tem pacientes oncológicos que não têm condições de sair da cama. Ou em uma sala especial, ambiente fechado ou aberto” (Paciente 3).

Destaca-se a importância de disponibilização de ambientes biofílicos, adaptados à realidade da instituição para a realização da TAA. Isso pode minimizar os potenciais riscos aos quais os pacientes estão suscetíveis⁽²⁰⁾.

Ao serem questionados sobre qual animal escolheriam para participar da TAA, a maioria dos pacientes indicou preferência por cães. Alguns também mencionaram gatos, enquanto outros optaram por peixes. Houve ainda participantes que citaram mais de uma opção, demonstrando abertura a diferentes espécies no contexto da terapia.

“Eu gostaria de ter um aquário aqui dentro do quarto, pois é o animal de estimação que eu tenho” (Paciente 3).

Durante as entrevistas, constatou-se que a maioria dos pacientes destacou a importância de os animais apresentarem condições apropriadas para participarem da terapia. Foram mencionados critérios como higiene, temperamento adequado e vacinação atualizada, com o objetivo de minimizar possíveis riscos à saúde dos pacientes. Ficou evidente, portanto, a preocupação dos participantes com a adoção das precauções necessárias para garantir a segurança durante a intervenção terapêutica.

“Teria que ser um animal que não seja agressivo e que se adapte bem com as pessoas” (Paciente 8).

“[...] cortar o pelo, dar banho e vacina” (Paciente 7).

“[...] teria que ser um animal calmo, treinado e com um tutor por perto, que soubesse acalmar o paciente e levar como um momento bom e calmo a ele e ao animal” (Fisioterapeuta).

Ressalta-se que é importante certificar-se de que os pacientes não apresentam alergias ou condições que possam comprometer a saúde, além de promover o preparo, a orientação e o diálogo entre todas as partes envolvidas no processo terapêutico. Igualmente importante é considerar o bem-estar do animal, assegurando que esteja em boas condições de saúde, confortável e devidamente adaptado à atividade. Cabe ainda aos profissionais compreenderem que são responsáveis pelo animal com o qual trabalham, reconhecendo-o não como uma simples ferramenta terapêutica, mas como um ser vivo que exige cuidado, respeito e dignidade⁽⁵⁾.

Diversas espécies animais têm sido amplamente utilizadas na TAA ao redor do mundo, cada uma contribuindo de maneira única para o bem-estar físico, emocional e social dos pacientes. Entre alguns dos animais empregados podemos citar os burros, alpacas, aves, peixes, cavalos, cães, gatos e até mesmo golfinhos⁽²¹⁾. Na América Latina, uma revisão de literatura identificou que a maioria dos estudos sobre TAA utiliza cavalos como coterapeutas, seguidos pelos cães. Apenas um estudo identificado adotou um programa com diferentes espécies animais⁽²²⁾.

No Brasil, a Lei Federal n.º 13.830/2019 regulamenta a equoterapia como método de reabilitação que utiliza o cavalo de forma interdisciplinar. A prática exige avaliação médica, psicológica e fisioterapêutica prévia e deve ser conduzida por equipe multiprofissional com, no mínimo, psicólogo, fisioterapeuta e profissional de equitação, além de apoio médico e veterinário. A norma também

determina medidas para garantir a segurança do praticante e o bem-estar do animal, como uso de cavalos treinados, instalações adequadas e equipamentos de proteção⁽²³⁾.

Além da regulamentação da equoterapia, o Projeto de Lei n.º 682-A/2021, em tramitação na Câmara dos Deputados, propõe a normatização da cinoterapia, uma modalidade de terapia assistida por cães. A proposta define essa prática como um tratamento de doenças ou sofrimento psíquico com a participação de cães devidamente selecionados, treinados e certificados. O texto estabelece exigências quanto à saúde, comportamento e identificação dos animais, além da formação de uma equipe multidisciplinar responsável pela sua preparação e acompanhamento. Também garante medidas de proteção e bem-estar animal, incluindo inspeções veterinárias periódicas e a proibição de maus-tratos⁽²⁴⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados evidenciou que, enquanto alguns participantes demonstram compreender o conceito de TAA, outros ainda a associam apenas à visitação de animais de estimação, o que revela desconhecimento quanto ao real significado da terapia. Observa-se que essa limitação conceitual não está restrita aos pacientes, uma vez que parte dos profissionais de saúde também apresenta uma compreensão limitada sobre a TAA. Esse fator pode contribuir para a falta de clareza e entendimento por parte dos pacientes em relação à terapia. Ainda assim, os entrevistados relataram benefícios atribuídos à TAA, como a promoção do bem-estar físico e emocional, fortalecimento de vínculos afetivos, humanização do cuidado e redução de estresse, dor e ansiedade. Destacaram, ainda, o aumento da disposição, da autoestima e da qualidade de vida, indicando que a TAA se configura como um importante recurso complementar aos tratamentos de saúde.

Os riscos pontuados pelos participantes envolvem, principalmente, as condições clínicas dos pacientes, com destaque para o risco de infecção em indivíduos imunossuprimidos. Também foram mencionados incidentes, como mordeduras, e a necessidade de preservar o bem-estar animal para a efetividade da terapia. Apesar de os participantes relatarem que a TAA pode ser realizada tanto dentro quanto fora do quarto, a literatura destaca a importância da obtenção de um ambiente biofílico para a realização da prática.

Este estudo apresenta algumas limitações. A ausência da implementação da TAA na instituição investigada pode ter influenciado o nível de conhecimento e a percepção dos participantes sobre a temática. Além disso, a realização das entrevistas no ambiente de trabalho dos profissionais pode ter limitado a profundidade das respostas, diante das demandas assistenciais. Por fim, trata-se de um estudo conduzido em um único hospital, o que restringe a possibilidade de generalização dos achados para outros contextos.

A partir dos achados desta pesquisa, sugere-se que futuros estudos sobre TAA na oncologia explorem diferentes tipos de câncer e fases do tratamento, utilizando delineamentos metodológicos mais robustos,

como ensaios clínicos randomizados. Também se recomenda investigar desfechos fisiológicos e psicossociais, a percepção dos pacientes, familiares e profissionais, além da viabilidade, custo-efetividade e aspectos éticos relacionados à prática.

REFERÊNCIAS

1. Bray F, Laversanne M, Weiderpass E, Soerjomataram I. The ever-increasing importance of cancer as a leading cause of premature death worldwide. *Cancer*, 2021;127(16):3029–30. DOI: 10.1002/cnecr.33587.
2. Mahara G, Tian C, Xu X, Wang W. Revolutionising health care: Exploring the latest advances in medical sciences. *J Glob Health*, 2023;13:03042. DOI: 10.7189/jogh.13.03042.
3. Diaz KA, Spiess PE, García-Perdomo HA. Humanization in oncology care: a necessary change. *Urol Oncology*, 2023;41(2):58–61. DOI: 10.1016/j.urolonc.2022.11.012.
4. Ferreira JDO, Campos TNC, Dias DEM, Silva IL, Dantas THM, Dantas DS. Estratégias de humanização da assistência no ambiente hospitalar: revisão integrativa. *Rev Ciênc Plur*, 2021;7(1):147–63. DOI: 10.21680/2446-7286.2021v7n1ID23011.
5. Associação Internacional de Organizações de Interações Ser Humano-Animal (IAHAIO). Definições para intervenções assistidas com animais (IAA) e diretrizes para o bem-estar dos animais envolvidos [Internet]. Seattle (WA): IAHAIO; 2018 [atualizado 2018 abr; citado 2025 ago 4]. Disponível em: <https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2022/02/iahaio-white-paper-2018-portuguese.pdf>.
6. Nimer J, Lundahl B. Animal-assisted therapy: a meta-analysis. *Anthrozoos*, 2007;20(3):225–38. DOI: 10.2752/089279307X224773.
7. Liu H, Lin J, Lin W. Cognitive mechanisms and neurological foundations of companion animals' role in enhancing human psychological well-being. *Front Psychol*, 2024;15:1354220. DOI: 10.3389/fpsyg.2024.1354220.
8. Pinto KD, Souza CTV, Teixeira MLB, Gouvêa MIFS. Animal assisted intervention for oncology and palliative care patients: a systematic review. *Complement Ther Clin Pract*, 2021;42:101345. DOI: 10.1016/j.ctcp.2021.101347.
9. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
10. Binder AJ, Parish-Plass N, Kirby M, Winkle M, Skwerer DP, Ackerman L, et al. Recommendations for uniform terminology in animal-assisted services (AAS). *Human-Animal Interactions*, 2024;12(1). DOI: 10.1079/hai.2024.0003.
11. Sancho JB, Canut MTL, Llobet MP, Arroyo MCM. La Terapia Asistida con Animales. Un análisis de concepto. *Cult cuid*, 2021;25(60):320–34. DOI: 10.14198/cuid.2021.60.22.
12. Pandey RP, Himanshu; Gunjan; Mukherjee R, Chang CM. The role of animal-assisted therapy in enhancing patients' well-being: systematic study of the qualitative and quantitative evidence. *JMIRx Med*, 2024;5:e51787. DOI: 10.2196/51787.
13. Villarreal-Zegarra D, Yllescas-Panta T, Malaquias-Obregon S, Dámaso-Román A, Mayo-Puchoc N. Effectiveness of animal-assisted therapy and pet-robot interventions in reducing depressive symptoms

among older adults: a systematic review and meta-analysis. *Complement Ther Med*, 2024;80:103023. DOI: 10.1016/j.ctim.2024.103023.

14. Lima AS, Souza MB. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 2018;12(10):224–41. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>.

15. Holder TRN, Gruen ME, Roberts DL, Somers T, Bozkurt A. A systematic literature review of animal-assisted interventions in oncology (Part II): Theoretical mechanisms and frameworks. *Integr Cancer Ther*, 2020;19:1534735420943269. DOI: 10.1177/1534735420943269.

16. Palomino-Lázaro L, Rueda-Extremera M, Cantero-García M. Animal-Assisted Therapy in palliative care: a scoping review. *Front Psychol*, 2024;15:1478264. DOI: 10.3389/fpsyg.2024.1478264.

17. Cotoc C, Notaro S. Race, zoonoses and animal assisted interventions in pediatric cancer. *Int J Environ Res Public Health*, 2022;19(13):7772. DOI: 10.3390/ijerph19137772.

18. Dalton KR, Waite KB, Ruble K, Carroll KC, DeLone A, Frankenfield P, et al. Risks associated with animal-assisted intervention programs: a literature review. *Complement Ther Clin Pract* 2020;39:101145. DOI: 10.1016/j.ctcp.2020.101145.

19. Barker SB, Gee NR. Canine-assisted interventions in hospitals: best practices for maximizing human and canine safety. *Front Vet Sci*, 2021;8:615730. DOI: 10.3389/fvets.2021.615730.

20. Fisher E, Zanatta EA. Análise bioética das intervenções assistidas por animais em ambiente hospitalar. *Rev SBPH*, 2021;24(2):305–20. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v24n2/15.pdf>.

21. Szewczyk D, Fiega J, Michalska M, Żurek U, Lubaszka Z, Sikorska E. Therapeutic role of animals: a comprehensive literature review on the prevalent forms and species in animal-assisted interventions. *Journal of education, health and sport*, 2023;45(1):215–35. DOI: 10.12775/JEHS.2023.45.01.015.

21. Gomes CMS, Semedo AD, Caetano MET, Tokumaru RS. Intervenções assistidas por animais: revisão e avaliação de estudos latino-americanos. *Rev bras educ espec*, 2023;29:e0155. DOI: 10.1590/1980-54702023V29E0155.

23. Brasil. Lei n.º 13.830, de 13 de maio de 2019. Dispõe sobre a prática da equoterapia [Internet]. *Diário Oficial da União*. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13830.htm.

24. Brasil. Projeto de Lei n.º 682-A, de 2021. Dispõe sobre a prática de cinoterapia, modalidade de terapia assistida por cães [Internet]. *Câmara dos Deputados*. 2021. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2249147.

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho da pesquisa: IM, EB, MK, LES, TDE

Obtenção de dados: IM, EB

Análise e interpretação dos dados: IM, EB, MK, LES, BNA, TDE

Redação do manuscrito: IM, EB, MK, LES, TDE, BNA, TDE

Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual: IM, EB, MK, LES, BNA, TDE

Editores responsáveis:

Patrícia Pinto Braga – Editora-chefe

Fabiana Bolela – Editora científica

Nota:

Não houve financiamento por agência de fomento

Recebido em: 28/08/2025

Aprovado em: 23/02/2026

Como citar este artigo:

Mariano I, Bonometti E, Krümmel M, et al. Terapia assistida com animais em oncologia: percepção de pacientes e profissionais da saúde. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro. 2026;16:e5849. [Access_____]; Available in:_____. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v16i0.5849>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.